VERITAS ANTIQUA
Revista de Arqueologia e Ciências Bíblicas

ISSN ????-????

Ruben Aguilar Santos e a arqueologia bíblica no contexto adventista brasileiro: trajetória e produção intelectual

Elder Hosokawa[1]

Resumo: O artigo examina a trajetória biográfica e intelectual de Ruben Aguilar Santos e sua contribuição para a institucionalização da arqueologia bíblica na educação superior adventista no Brasil. Parte-se da constatação de que a historiografia do campo costuma privilegiar a geração pioneira e a geração de expansão midiática e museológica, deixando lacunas no estudo da geração intermediária que atuou entre as décadas de 1980 e 2000. Trata-se de uma pesquisa histórico-documental, de abordagem qualitativa, orientada pelos pressupostos da biografia intelectual. A mobilização das fontes contempla entrevistas com o biografado, análise da produção acadêmica reunida no Currículo Lattes e bibliografia historiográfica sobre o Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Reconstitui-se a formação acadêmica do biografado, sua atuação docente, publicações e contribuição para a formação do MAB. Conclui-se que Aguilar ocupa uma posição de mediação geracional e epistemológica no campo, ao transitar entre o paradigma confirmatório de matriz albrightiana (presente em seus escritos de divulgação) e uma abordagem voltada à história social e econômica (desenvolvida em sua tese doutoral). No plano institucional, foi responsável por converter um acervo guardado em um efetivo espaço expositivo.

Palavras-chave: Arqueologia Bíblica; Adventismo; Biografia Intelectual; Museus Universitários; Período Patriarcal.

Ruben Aguilar Santos and biblical archaeology in the Brazilian Adventist context: career and intellectual production

Abstract: This article examines the biographical and intellectual trajectory of Ruben Aguilar Santos and his contribution to the institutionalization of biblical archaeology within Adventist higher education in Brazil. It begins with the observation that the historiography of this field tends to prioritize the pioneering generation and the generation associated with media and museum expansion, leaving gaps in the study of the intermediate generation that was active between the 1980s and the 2000s. This is a

[1] Mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador da licenciatura em História do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), campus Engenheiro Coelho. E-mail: elder.hosokawa@gmail.com.

historical-documentary study with a qualitative approach, guided by the premises of intellectual biography. The sources utilized include interviews with the subject, an analysis of his academic output as documented in his *Currículo Lattes* (academic CV), and historiographical literature concerning the Museum of Biblical Archaeology (MAB) at the Adventist University Center of São Paulo (Unasp). The study reconstructs the subject's academic background, teaching career, publications, and his role in the development of the MAB. It concludes that Aguilar occupies a position of generational and epistemological mediation within the field, bridging the gap between the "confirmatory" paradigm rooted in the Albrightian tradition (evident in his popular-level writings) and an approach focused on social and economic history (developed in his doctoral thesis). At the institutional level, he was responsible for transforming a stored collection into a functional exhibition space.

Keywords: Biblical Archaeology; Adventism; Intellectual Biography; University Museums; Patriarchal Period.

Ruben Aguilar Santos y la arqueología bíblica en el contexto adventista brasileño: trayectoria y producción intelectual

Resumen: El artículo examina la trayectoria biográfica e intelectual de Ruben Aguilar Santos y su contribución a la institucionalización de la arqueología bíblica en la educación superior adventista en Brasil. Se parte de la constatación de que la historiografía del campo suele privilegiar a la generación pionera y a la generación de expansión mediática y museológica, dejando lagunas en el estudio de la generación intermedia que estuvo activa entre las décadas de 1980 y 2000. Se trata de una investigación histórico-documental, de enfoque cualitativo, orientada por los presupuestos de la biografía intelectual. El trabajo con las fuentes incluye entrevistas con el biografiado, el análisis de su producción académica – recopilada en el *Currículo Lattes* – y la bibliografía historiográfica sobre el Museo de Arqueología Bíblica (MAB) del Centro Universitario Adventista de São Paulo (Unasp). Se reconstruye la formación académica del biografiado, su labor docente, sus publicaciones y su contribución a la formación del MAB. Se concluye que Aguilar ocupa una posición de mediación generacional y epistemológica en el campo, al transitar entre el paradigma confirmativo de matriz albrightiana (presente en sus escritos de divulgación) y un enfoque orientado hacia la historia social y económica (desarrollado en su tesis doctoral). En el plano institucional, fue responsable de transformar una colección almacenada en un verdadero espacio expositivo.

Palabras clave: Arqueología Bíblica; Adventismo; Biografía Intelectual; Museos Universitarios; Período Patriarcal.

Submetido em: ??/??/????

Aprovado em: ??/??/????

DOI: https://doi.org/??????

INTRODUÇÃO

A arqueologia bíblica constitui um campo historicamente marcado por disputas de nomenclatura, de método e de finalidade. Nascida no mesmo ambiente intelectual que produziu a arqueologia moderna, no século 19, ela não dispõe de técnicas próprias; seu traço distintivo reside no recorte geográfico e documental e na relação, sempre tensa, entre a cultura material e o texto bíblico (Darius; Hosokawa, 2017, p. 19-22). Nas últimas décadas do século 20, a pretensão de "provar" a Bíblia por meio da escavação foi amplamente questionada, e parte da comunidade acadêmica passou a preferir a designação "arqueologia siro-palestina" (Darius; Hosokawa, 2017, p. 26-27).

Na Igreja Adventista do Sétimo Dia, o interesse pela arqueologia surgiu nas primeiras décadas do século 20, em parte como resposta à crítica histórica do Pentateuco, e ganhou expressão com *The spade and the Bible* [A pá e a Bíblia], publicado por William W. Prescott em 1933, considerado o primeiro livro adventista dedicado à disciplina (Willis, 2010, p. 21; Hosokawa, 2018b, p. 320). A partir de 1937, a denominação formou doutores em instituições como a Universidade de Chicago, a Universidade Johns Hopkins e a Universidade Harvard. Pesquisadores adventistas também passaram a participar de escavações no Oriente Próximo (Hosokawa, 2018b, p. 319-333).

No Brasil, essa tradição foi inaugurada pelo magistério de Siegfried Júlio Schwantes (1915–2008) e pela coleção reunida por Paulo Franz Bork (1924–2015), e consolidou-se, a partir da década de 1980, com a docência de professores formados no exterior e em universidades públicas brasileiras. A memória institucional desse processo, contudo, tende a concentrar-se nos dois extremos da cadeia: os fundadores, cujas trajetórias foram objeto de homenagens acadêmicas (Timm; Stencel, 2010; Torres; Darius; Hosokawa, 2018), e a geração que, a partir dos anos 2000, levou a arqueologia bíblica adventista à mídia, aos congressos internacionais e à pós-graduação. Na produção acadêmica adventista brasileira recente, prevalece a compreensão de que a disciplina ilumina o contexto histórico e cultural das Escrituras, sem a função de confirmar ou refutar a fé (Oliveira, 2018, p. 128; Xavier, 2018, p. 141-142).

Permanece pouco estudada a geração intermediária, responsável pela continuidade do ensino da disciplina e pela conversão de acervos dispersos em instituições. É nessa lacuna que se situa Ruben Aguilar Santos, a cujo nome se associam quatro marcos: (1) a dissertação de mestrado defendida na Andrews University, em 1983;

(2) o projeto expositivo do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB), inaugurado no campus de Engenheiro Coelho em 14 de maio de 2000; (3) o doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, concluído em 2001; e (4) a participação, como autor de verbetes da *Bíblia de Estudo Arqueológica*, da editora Safeliz, publicada em espanhol e em inglês em 2022 e em português em 2024, em parceria com a Casa Publicadora Brasileira (Timm, 2010, p. 62-64; Martinelli, 2022a; 2022b; 2024).

O estudo investiga: como a trajetória formativa, intelectual e institucional de Ruben Aguilar Santos contribuiu para a consolidação da arqueologia bíblica no adventismo brasileiro? O objetivo geral é reconstituir e analisar essa trajetória, mediante quatro objetivos específicos: (1) situar sua formação no contexto da arqueologia bíblica norte-americana e sua recepção no Brasil; (2) caracterizar sua atuação docente e bibliográfica; (3) examinar seu papel na criação do Museu de Arqueologia Bíblica; e (4) avaliar sua posição na história do campo. Sugere-se que Aguilar atuou como mediador epistemológico entre a tradição confirmatória de matriz albrightiana e as abordagens de história social da pós-graduação brasileira.

A pesquisa justifica-se em três planos. No plano da história das disciplinas, contribui para o conhecimento da recepção da arqueologia do antigo Oriente Próximo no Brasil, campo ainda incipiente no país (Tavares; Carvalho, 2017). No plano da história dos museus universitários, documenta a fase de implantação de uma instituição que se apresenta como o primeiro museu brasileiro dedicado especificamente à arqueologia bíblica (Xavier, 2018, p. 144). No plano da história intelectual do adventismo, recupera a atuação de um docente cuja produção, em grande parte oral, corre o risco de dispersão.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa histórico-documental, de abordagem qualitativa, orientada pelos pressupostos da biografia intelectual. Considera-se a advertência de Bourdieu (1996, p. 184-185) contra a "ilusão biográfica", isto é, contra a tendência de narrar uma vida como sequência coerente e orientada para um fim, e a proposta de Levi (1996) de articular a trajetória individual ao contexto que lhe confere inteligibilidade.

O *corpus* organiza-se em três conjuntos. O primeiro reúne fontes autobiográficas, o Currículo Lattes do pesquisador e as entrevistas concedidas a Júlia Galvani, em 2021, e ao autor, em 3 e 16 de outubro de 2026 (Aguilar, 2017; 2026a, 2026b; Pastor..., 2021), essa última tratada segundo os procedimentos da história oral (Alberti, 2005). O segundo

compreende a produção do biografado. O terceiro reúne fontes institucionais e historiográficas.

O Currículo Lattes, com última atualização em 7 de agosto de 2017, foi tratado como fonte primária de caráter autobiográfico, uma vez que seus dados são informados pelo próprio titular. Dele foram extraídos e sistematizados seis conjuntos de informações: (1) formação acadêmica; (2) atuação profissional; (3) produção bibliográfica (13 artigos, 1 livro e 5 textos em revistas); (4) produção técnica (39 itens, entre conferências e cursos); (5) participação em 21 eventos; e (6) 25 orientações concluídas. Esses registros foram classificados por área temática e cotejados com as demais fontes.

O artigo está organizado em seis seções, além desta introdução e das considerações finais. A seção 1 apresenta o desenvolvimento da arqueologia bíblica desde o século 19, a hegemonia do paradigma albrightiano e sua crise a partir da década de 1970, e acompanha a recepção da disciplina no adventismo. A seção 2 trata das origens de Aguilar, de sua conversão ao adventismo e da reorientação profissional que o levou ao ministério. A seção 3 reconstitui sua formação acadêmica: os estudos de Teologia no Peru, no Brasil e na Argentina, as graduações em Química e Biologia, o mestrado na Andrews University sobre Ebla e o período patriarcal e o doutorado na Universidade de São Paulo. A seção 4 analisa sua docência e sua produção intelectual, com base nas conferências de divulgação, nos textos do Currículo Lattes. A seção 5 examina sua participação na implantação do Museu de Arqueologia Bíblica.

A ARQUEOLOGIA BÍBLICA: DESENVOLVIMENTO DO CAMPO, CONTROVÉRSIAS E RECEPÇÃO ADVENTISTA

A arqueologia constituiu-se como ciência no século 19, “no auge do nacionalismo e do imperialismo, como parte da conquista militar e espiritual do mundo” (Funari, 2013, p. 23). Darius e Hosokawa (2017, p. 21-22) observam que a arqueologia bíblica herdou desse contexto os mesmos riscos de instrumentalização da arqueologia geral: se o nacionalismo serviu de motor às grandes expedições, a arqueologia bíblica arvorou-se, por vezes, em ciência destinada a “comprovar empiricamente a verdade bíblica”, relegando a fé a um segundo plano.

A arqueologia bíblica moderna tem em William Foxwell Albright (1891–1971) sua figura fundadora. Doutor pela Universidade Johns Hopkins (1916), onde lecionou entre

1929 e 1959, e diretor da American School of Oriental Research, em Jerusalém, ele é considerado o decano da disciplina nos Estados Unidos, tanto por sua formação e por suas escavações quanto pelo impacto que exerceu sobre o público religioso (Running; Freedman, 1976; Darius; Hosokawa, 2017, p. 24). Sua posição pode ser resumida na afirmação de que, embora a Bíblia não precise ser provada, "não existe a menor dúvida de que a arqueologia tem confirmado substancialmente a historicidade fundamental da tradição do Antigo Testamento" (Albright, 1956, p. 176).

Discípulo de Albright, George Ernest Wright (1909–1974) deu à arqueologia bíblica suporte estrutural para o chamado Movimento da Teologia Bíblica. O rabino Nelson Glueck (1900–1971), outro grande nome da área, sustentou que nenhuma descoberta arqueológica jamais contradissera uma referência bíblica (Darius; Hosokawa, 2017, p. 26). Com a morte deles, encerra-se um período áureo da arqueologia bíblica norte-americana.

A partir de 1974, o adjetivo "bíblica" passou a disputar espaço com "siro-palestina", designação geográfica que procurava desvincular a disciplina de pressupostos confessionais, e, em 1995, William G. Dever chegou a proclamar a morte da arqueologia bíblica e siro-palestina na América do Norte, em razão da redução de financiamentos e da emergência de escolas nacionais de arqueologia no Oriente Médio. O debate posterior polarizou-se entre "minimalistas", que limitam a historicidade das narrativas bíblicas, e "maximalistas", que atribuem maior confiabilidade histórica às Escrituras (Darius; Hosokawa, 2017, p. 26-27; cf. Rodrigues, 2017). É nesse quadro de crise do paradigma albrightiano que se deve situar a formação arqueológica de Aguilar, iniciada no começo da década de 1980.

A matriz adventista norte-americana

Segundo Willis (2010, p. 21), as publicações adventistas passaram a demonstrar interesse crescente pela arqueologia no início do século 20, quando a crítica do Pentateuco de Julius Wellhausen e a abordagem histórico-religiosa de Hermann Gunkel pareciam ameaçar a autoridade das Escrituras. A arqueologia, então, era vista como fonte de respostas que apoiavam a exatidão histórica da Bíblia. Os primeiros artigos eram, em grande parte, cedidos ou adaptados de outras fontes, pois não havia autores adventistas

com formação na área, situação que começou a mudar com o livro de Prescott (Willis, 2010, p. 21).

A institucionalização adventista da disciplina envolveu a formação de doutores. Lynn H. Wood foi o primeiro intelectual adventista com doutorado em Arqueologia, obtido na Universidade de Chicago em 1937. Em 1943 foi a vez de Edwin R. Thiele, também na Universidade de Chicago: a tese sobre a cronologia dos reis de Israel e Judá se tornou referência internacional.

Outra importante contribuição para a área veio de Siegfried H. Horn (1908–1993), antigo aluno de Albright na Universidade Johns Hopkins e doutor em Egiptologia pela Universidade de Chicago (Hosokawa, 2018b, p. 319-333; Willis, 2010, p. 22). Além de ter escavado em Siquém nos anos de 1960, 1962 e 1964, Horn liderou, a partir de 1968, as campanhas em Tall Hisban, na Jordânia, em busca da Hesbom bíblica, esta última considerada a primeira expedição arqueológica sob patrocínio adventista, e a origem do Madaba Plains Project, que englobou escavações em Hisban, Tall al-Umayri e Tall Jalul (Geraty, 2020; Hosokawa, 2018b, p. 323).

Willis (2010, p. 24) destaca que o método adotado em Hisban procurava tratar de modo responsável todos os períodos de ocupação da colina, e não apenas os níveis bíblicos, e que mobilizava geólogos, botânicos, zoólogos e antropólogos, numa abordagem contextual que mereceu, em 1993, o reconhecimento de William G. Dever. Somou-se a essas iniciativas o incentivo à criação de museus universitários, a exemplo do Museu Arqueológico da Andrews University, aberto ao público em 1970 e renomeado como Siegfried H. Horn Museum em 1978 (Hosokawa, 2018b, p. 323).

É nesse ambiente que se insere Lawrence T. Geraty (n. 1940), doutor em Arqueologia Siro-Palestina pela Universidade Harvard (1972). Diretor do Museu Arqueológico da Andrews University entre 1976 e 1985, Geraty foi idealizador, em 1982, do Madaba Plains Project, com Larry G. Herr e Øystein S. LaBianca (Hosokawa, 2018b, p. 323-326). Sucessor de Horn na direção das escavações de Hesbom, Geraty transmitiu, em campo e em sala de aula, “seu entusiasmo pela arqueologia e sua dedicação e método meticuloso” (Willis, 2010, p. 23). Seria ele o orientador de Aguilar na Andrews University.

A recepção brasileira

No Brasil, o elo entre a escola norte-americana e o ensino teológico foi Siegfried Júlio Schwantes (1915–2008). Doutor pela Universidade Johns Hopkins em 1962, com tese sobre o livro do profeta Miqueias, Schwantes participou em 1968, como representante do Middle East College, da primeira campanha de Tall Hisban, supervisionando uma das quatro áreas de escavação (Schwantes, 1991, p. 87-88; Hosokawa, 2018a). Schwantes e Bork foram fortemente influenciados por Horn (Willis, 2010, p. 23).

De volta ao Brasil, Schwantes lecionou, entre 1983 e 1984, hebraico, Isaías e arqueologia bíblica na Faculdade Adventista de Teologia (FAT) do Instituto Adventista de Ensino (IAE). Em 1983, publicou o livro-texto *Arqueologia*, impresso pela gráfica do IAE e utilizado na FAT e no seminário do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (Iaene), na Bahia (Hosokawa, 2018b, p. 324). As aulas da disciplina começavam, invariavelmente, com a seguinte advertência:

> As descobertas arqueológicas feitas no Oriente Próximo contribuem para esclarecer os antecedentes históricos e culturais do texto bíblico. Seu objetivo não é provar a veracidade da mensagem religiosa contida na Bíblia, pois esta se adereça à fé, e nunca pode ser objeto de investigação científica (Schwantes, 1983, p. 1).

Outro nome decisivo foi o de Paulo Franz Bork (1924–2015). Nascido em Cristina, Minas Gerais, estudou no Colégio Adventista Brasileiro e emigrou para os Estados Unidos em 1946. Formou-se em Teologia no Pacific Union College e fez cursos de arqueologia na Pacific School of Religion, na Universidade Hebraica de Jerusalém e na Universidade de Londres. Participou também das escavações de Tel Gezer entre 1971 e 1975 e lecionou história e arqueologia hebraica no Pacific Union College até 1989 (Paulo..., 2010, p. 139-140; Bork..., 2020). Em 1993, Bork ofereceu ao IAE cerca de 110 peças arqueológicas e 200 livros de sua biblioteca técnica, núcleo do futuro museu (Timm, 2010, p. 62; Tavares; Carvalho, 2017, p. 38).

Entre a geração de Schwantes e Bork, formada ainda na órbita de Albright e de Horn, e a geração que, a partir dos anos 2000, conduziria a arqueologia bíblica adventista à mídia e aos congressos internacionais, situa-se a atuação de Ruben Aguilar.

AGUILAR: ORIGENS, CONVERSÃO E CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

Ruben Aguilar Santos nasceu em 2 de maio de 1940, em La Paz, Bolívia, filho de Santiago Aguilar, comerciante, e de Domitila Santos, costureira, e cresceu ao lado da irmã Maria Luísa, três anos mais velha.[2] Segundo seu depoimento, a infância, transcorrida durante a Segunda Grande Guerra, foi marcada pelo estímulo materno à leitura de jornais, hábito ao qual atribui seu interesse precoce pela história e pelos processos geopolíticos (Pastor..., 2021). A narrativa de conversão de Aguilar explica a reorientação profissional que conduziria, ainda em 1961, ao Colegio Adventista Unión.

No início da década de 1960, dívidas comerciais do pai levaram a família a uma grave crise financeira, com risco de perda da residência. Nesse contexto, o jovem ingressou no curso universitário de Engenharia de Petróleo, ao qual se dedicou, em suas palavras, como refúgio diante das tensões domésticas. Criado numa tradição católica pouco praticante, identifica como ponto de inflexão o momento em que presenciou a mãe orando de joelhos por uma intervenção divina. A experiência o teria levado a refletir sobre a existência de Deus e a estudar as Escrituras, nas quais encontrou o mandamento do sábado, no livro de Êxodo.

Pouco depois, passou a frequentar uma congregação adventista a convite de um tio que já conhecia o adventismo e, diante da recuperação econômica da família, viabilizada por novas encomendas de costura, decidiu converter-se. Foi batizado em janeiro de 1961 na Igreja Adventista Central de La Paz e manifestou a intenção de abandonar a engenharia para dedicar-se ao ministério pastoral (Pastor..., 2021).

A FORMAÇÃO ACADÊMICA

A formação de Aguilar distingue-se pela combinação de quatro campos: teologia, química, biologia e arqueologia. Ao longo de quatro décadas, ele percorreu instituições confessionais no Peru, no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos, um instituto de

[2] As informações sobre a infância e a juventude de Ruben Aguilar provêm essencialmente das entrevistas concedidas a Júlia Galvani (Pastor..., 2021) e ao autor (Aguilar, 2026). Por se tratar de narrativas retrospectivas, elaboradas mais de seis décadas após os eventos relatados, elas são aqui tratadas como fontes de memória, sujeitas aos processos de seleção e de atribuição de sentido próprios do relato autobiográfico (Alberti, 2005). Procurou-se, por isso, cotejar o depoimento com fontes documentais sempre que possível e distinguir, na redação, o que é fato documentado do que é interpretação do próprio entrevistado.

ensino superior na Bolívia e duas universidades brasileiras. O Quadro 1 sintetiza esse percurso:

Quadro 1 – Formação e atuação profissional de Ruben Aguilar

Período	Instituição	Formação ou atuação
1961–1962	Colegio Adventista Unión (Peru)	1º e 2º Teologia
1963	Instituto Adventista de Ensino	3º Teologia
1964	Colegio Adventista del Plata (Argentina)	4º Teologia Graduação
1966–1968	Universidade Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	1º, 2º, 3º Biologia
1969–1972	Instituto Superior Simon Bolívar	Graduação em Química
1970–1973	Colégio Saint Peter's. Colégio Estadual de Milluni (La Paz, Bolívia)	Professor de Química
1974–1981	Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (RS)	Professor de Biologia
1975	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	Graduação em Biologia
1982–1983	Andrews University (EUA)	Mestrado em Arqueologia
1984–1991	Instituto Adventista de Ensino, São Paulo (atual UNASP-SP)	Professor de Teologia
1992–2012	UNASP Campus Engenheiro Coelho	Professor de Teologia
1996–2001	Universidade de São Paulo (USP)	Doutorado em Arqueologia
2011–2013	Revista *Kerygma* (Unasp)	Membro do corpo editorial
2012–2014	Faculdade Adventista da Bahia	Professor de Teologia
2015–2017	Faculdade Adventista de Teologia (Maringá, PR)	Professor de Teologia

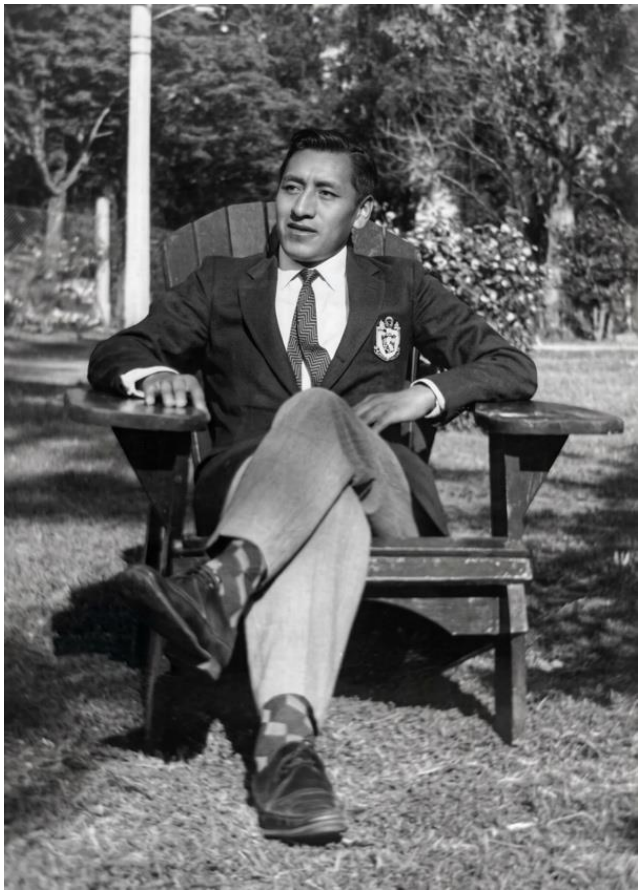
Fonte: elaborado pelo autor com base em Aguilar (2017; 2026).

A formação teológica de Aguilar foi cursada no Peru, no Brasil e na Argentina e concluída no Colegio Adventista del Plata, na Argentina, instituição adventista de ensino superior mais antiga da América do Sul e matriz de boa parte do pastorado hispano-americano da denominação, onde também estudara Daniel Hammerly Dupuy, outro divulgador da arqueologia bíblica no continente (Aguilar, 2026). Graduado em Teologia em 1964, Aguilar dividiu os anos seguintes entre o estudo de Biologia, na Unisinos (1966–1968), e de Química, na Bolívia (1969–1972), período em que iniciou a trajetória docente no ambiente hispano-americano. Entre 1970 e 1973, atuou como professor no Colégio Saint Peter's e no Colégio Estadual de Milluni, La Paz, Bolívia (Aguilar, 2026).

Essa experiência andina e, portanto, hispanófona, antecede sua fixação definitiva no Brasil e ajuda a compreender o trânsito entre o espanhol e o português que marcaria sua carreira. O currículo registra ainda vínculo com a docência no Instituto Adventista Cruzeiro do Sul, no Rio Grande do Sul (Aguilar, 2017). Em conjunto, esses registros mostram um docente formado na circulação entre instituições adventistas e públicas em quatro países sul-americanos antes de sua especialização em arqueologia.

Chama atenção que, nesse período, o currículo acadêmico registre participações em eventos de natureza científica, como técnicas em taxidermia (1966), técnicas cito-histológicas e análise microquímica (1968), velocidade de reação (1969) e química orgânica cíclica (1973) (Aguilar, 2017). Esses registros indicam que o interesse pelas ciências naturais, já prenunciado pelo curso de Engenharia de Petróleo, antecedeu a graduação formal em Biologia e ajudam a compreender a orientação empírica que Aguilar imprimiria, mais tarde, ao estudo da antiguidade.

Figura 1 – Formatura de Teologia no Colegio Adventista del Plata, em 1964



Fonte: Arquivo Pessoal.

Entre 1966 e 1968, Ruben Aguilar cursou Biologia na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, e concluiu a graduação em 1975. Em 28 de janeiro de 1970, casou-se com Neuza Souza Aguilar, natural de Santo Antônio da Patrulha, no Rio Grande do Sul, que se tornou sua companheira de vida e de ministério. O casal teve três filhos: Clarice, Ruben Cláudio e Dianny (Aguilar, 2026). O casamento com uma brasileira ajuda a compreender a posterior fixação no Brasil, inicialmente no Rio Grande do Sul, e as sucessivas mudanças decorrentes do serviço.

A dupla condição de teólogo e biólogo constitui traço distintivo de sua biografia intelectual e reflete-se em dois eixos posteriores de sua produção. De um lado, o diálogo entre ciência e religião, com palestras nos congressos de criacionismo de 1988, 1993 e 1996 e textos como "O homem, espécie animal?" (2007), "O gene da espiritualidade" (2010) e "O que é real nas primeiras evidências acerca do homem primitivo?" (Aguilar, 2011). De outro, a atenção às técnicas de laboratório e de datação, que o levaria a enfatizar, em seu texto sobre a história da arqueologia bíblica, a descrição geológica das camadas, a datação radiométrica, a análise química de materiais e a documentação fotográfica das escavações (Aguilar, 2010, p. 11).

O passo decisivo para a arqueologia foi o mestrado na Andrews University, em Berrien Springs, Michigan, cursado entre 1982 e 1983. A dissertação, intitulada *Tel Mardiq: Ebla and its relationship with the patriarchal period*, foi orientada por Lawrence T. Geraty (Hosokawa, 2018b, p. 322). A escolha do tema e do orientador merece exame. No início dos anos 1980, Geraty era o principal nome da arqueologia adventista. Doutor por Harvard, dirigia o Museu Arqueológico da Andrews University.

Durante o período de mestrado de Aguilar, Geraty concebeu o Madaba Plains Project, na Jordânia (Hosokawa, 2018b, p. 319-320). Aguilar formou-se no mesmo ambiente acadêmico que produziu a geração de arqueólogos de campo na denominação, herdeira direta de Horn e, por meio dele, de Albright. Esse vínculo teria desdobramentos no Brasil. Em janeiro de 1996, Geraty proferiu no IAE a palestra "Pesquisas arqueológicas contemporâneas" (Hosokawa, 2018b, p. 322).

Quanto ao tema, Tell Mardikh, na Síria setentrional, era um dos sítios mais debatidos da arqueologia do Oriente Próximo naquele momento. A missão italiana dirigida por Paolo Matthiae, da Universidade de Roma "La Sapienza", escavava o local

desde 1964; em 1968, uma inscrição num torso de estátua permitiu identificá-lo com a antiga Ebla; e, entre 1974 e 1976, foram descobertos no chamado Palácio G os arquivos reais, com milhares de tabletes e fragmentos cuneiformes datados da segunda metade do terceiro milênio a.C. (Matthiae, 1981). As primeiras leituras do epigrafista Giovanni Pettinato (1981), que apontavam nomes pessoais e teóforos aparentados aos da tradição bíblica, provocaram intensa controvérsia sobre as relações entre Ebla e o período patriarcal, e foram em grande parte revistas nos anos seguintes.

Ao escolher esse tema, Aguilar situou-se no centro de uma discussão internacional ainda aberta. A dissertação enfrentou precisamente a pergunta que orientaria toda a sua obra posterior: em que medida a documentação do terceiro e do segundo milênios a.C. ilumina o ambiente cultural dos patriarcas? Nos anos seguintes, ele desdobrou a pesquisa em conferências como "Arqueologia na Universidade Andrews" (1984), "Ebla, uma descoberta que pode esclarecer o período patriarcal" (1985), "O Deus YA no culto de Ebla" e "Baal, deus protetor de Ebla" (1992) (Aguilar, 2017).

Ao listar os sítios da Síria, Aguilar (2010, p. 9) refere-se às "ruínas do antigo império de Ebla, na colina de Tell Mardique, cujo florescimento ocorreu no período patriarcal", o que evidencia a permanência da associação proposta na dissertação. Os títulos dessas palestras mostram que Aguilar levou ao público brasileiro um debate então restrito à literatura especializada estrangeira.

Figura 2 – Formatura do mestrado na Andrews University, em 1983



Da esquerda para a direita: a filha Clarice, a esposa Neuza, Ruben e o filho Ruben Cláudio. Fonte: Arquivo pessoal.

O doutorado na Universidade de São Paulo (1996–2001)

O doutorado foi cursado entre 1996 e 2001 no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), sob orientação da professora Maria Beatriz Borba Florenzano, especialista em arqueologia do mundo grego. A tese *A noção de valor no período patriarcal*, com 198 páginas, foi defendida em 2001 (Aguilar, 2001; Hosokawa, 2018b, p. 322). Foi, até onde as fontes permitem afirmar, o primeiro doutorado em Arqueologia obtido por um docente adventista em programa de pós-graduação de universidade pública nacional, antecedendo em catorze anos a defesa de Rodrigo P. da Silva, também realizada na USP, em 2015 (Hosokawa, 2018b, p. 325).

A tese tinha por objetivo demonstrar como os patriarcas davam valor aos objetos antes da invenção da moeda. A contribuição original do trabalho está na análise econômica. Com apoio nos documentos mesopotâmicos, Aguilar identifica a família como núcleo da organização social hebraica e a "aliança" entre Deus e Abraão como norma de conduta que confere valor aos objetos e às instituições. A partir dela, distingue três esferas de circulação da riqueza (a de subsistência, a de prestígio e a de direito) e conclui que a forma de integração econômica predominante era a reciprocidade. No período patriarcal, portanto, o valor dos bens derivaria do significado da aliança entre Deus e Abraão.

A relevância da tese torna-se mais clara quando situada no debate internacional sobre a historicidade dos patriarcas. Até a década de 1960, predominava a posição associada a Albright e à sua escola, que via nas migrações amoritas do início do segundo milênio a.C., nos costumes jurídicos registrados nos tabletes de Nuzi e de Mari e na onomástica semítica ocidental um pano de fundo verossímil para as narrativas de Gênesis 12–50. Nessa leitura, os patriarcas seriam figuras plausíveis da Idade do Bronze Médio. O próprio Aguilar (2010, p. 10) reproduz esse argumento ao mencionar os tabletes de Mari e Nuzi, "que relatam costumes e tradições semelhantes aos praticados pelos patriarcas hebreus".

Em meados da década de 1970, esse consenso foi fortemente contestado. Thomas L. Thompson (1974) argumentou que os paralelos extrabíblicos invocados não eram exclusivos do segundo milênio e não sustentavam a historicidade das narrativas. John Van Seters (1975), por sua vez, propôs que as tradições sobre Abraão refletiriam o contexto do primeiro milênio a.C., especialmente o período exílico. A partir daí, parte significativa

da crítica passou a considerar a "época patriarcal" uma construção literária tardia, posição que antecipa o debate entre minimalistas e maximalistas, enquanto autores como Kitchen (2003) continuaram a defender a compatibilidade das narrativas com o ambiente do segundo milênio (Darius; Hosokawa, 2017, p. 27).

A tese de Ruben Aguilar retoma os argumentos clássicos da escola de Albright – migrações amoritas, onomástica, toponímia e ambiente geográfico – mas não se limita a eles. O deslocamento para a questão do valor e da circulação de bens permite contornar, em parte, o impasse cronológico: mesmo que a datação das narrativas permaneça controversa, a lógica econômica que elas descrevem pode ser comparada com a das sociedades seminômades do Antigo Oriente Próximo documentadas nos arquivos mesopotâmicos. Essa estratégia aproxima o trabalho da história social e o afasta de uma arqueologia centrada apenas na verificação de episódios.

A continuidade entre mestrado e doutorado é digna de nota. A dissertação de 1983 perguntava pelas relações entre Ebla e o período patriarcal, enquanto a tese de 2001 reformula a pergunta em chave antropológica. Entre as duas, conferências como "Os antediluvianos em documentos arqueológicos" e "Nippur e a lista dos reis antediluvianos" (1995) mostram a ampliação do horizonte documental para a Mesopotâmia do terceiro e do segundo milênios. O artigo "A aliança e a economia patriarcal", publicado em *Kerygma* em 2005, divulga os resultados da tese para o público teológico (Aguilar, 2017).

DOCÊNCIA E PRODUÇÃO INTELECTUAL

Concluído o mestrado, Ruben Aguilar passou a lecionar no Instituto Adventista de Ensino (IAE), em São Paulo, entre 1984 e 1991, e, a partir de 1992, no campus de Engenheiro Coelho, para onde o curso de Teologia havia sido transferido em 1991 (Aguilar, 2017; Xavier; Pessoa, 2021). Sua chegada ao IAE coincide com o fim do breve período em que Schwantes ministrou arqueologia bíblica (1983–1984). Aguilar tornou-se, assim, o responsável regular pela disciplina num momento em que o livro-texto de Schwantes circulava entre os estudantes de Teologia. O histórico do museu o identifica, na década de 1990, como "professor de Arqueologia Bíblica do IAE-C2 e exímio desenhista" (Timm, 2010, p. 62).

No Unasp, sua atuação ampliou-se para a orientação de pesquisas. Entre 2004 e 2008, o currículo registra 23 trabalhos de conclusão de curso em Teologia sob sua

orientação, além de uma monografia de especialização em Estudos Teológicos (2010) e de uma dissertação de mestrado em Ciências da Educação na Universidad Americana, no Paraguai (2008) (Aguilar, 2017). Os temas desses trabalhos refletem o perfil interdisciplinar do orientador: exegese do Antigo e do Novo Testamento, genealogias bíblicas, relações entre as leis de Levítico e a microbiologia, teorias da criação, radio-halos de polônio, história do pensamento adventista e hábitos devocionais dos estudantes.

Divulgação científica

Parte expressiva da produção de Aguilar assumiu a forma de conferências para públicos acadêmicos e eclesiásticos, registradas no currículo entre 1984 e 2006. Agrupadas por tema, elas revelam um programa coerente de divulgação da arqueologia do antigo Oriente Próximo. As apresentações incluem:

- **Ebla e o período patriarcal:** "Ebla, uma descoberta que pode esclarecer o período patriarcal" (1985); "O Deus YA no culto de Ebla" e "Baal, deus protetor de Ebla" (1992);
- **Mesopotâmia e Gênesis:** "A versão mesopotâmica da criação", "O dilúvio no pensamento mesopotâmico", "Os antediluvianos em documentos arqueológicos", "Nippur e a lista dos reis antediluvianos" e "A descoberta de Nínive e a sua importância para o estudo da Bíblia" (1995); "Documentos arqueológicos sobre as origens" (2006);
- **História e cronologia do Oriente Próximo:** "A arqueologia e a data da invasão de Nabucodonosor a Jerusalém" e "Existia o alfabeto na época de Moisés?" (1992); "A arqueologia preenche o silêncio histórico do Império Hitita" (1995); "A doença de Nabucodonosor" (1998); "A destruição de Jerusalém: a profecia e a arqueologia" (2001);
- **Novo Testamento e cultura material:** "A orientação divina na tradução da Septuaginta" (1986); "Jesus e as moedas de seu tempo" (1987);
- **Teoria e história da disciplina:** "Arqueologia na Universidade Andrews" (1984); "Períodos de estudo da arqueologia bíblica" (1992); "Arqueologia: uma ciência que nos transporta ao passado" (1997); "Bases científicas da cronologia da história antiga" (2000).

Essa lista, extraída do currículo (Aguilar, 2017), mostra que Aguilar funcionou, durante quase duas décadas, como um dos principais mediadores entre a pesquisa internacional sobre o antigo Oriente Próximo e o público adventista brasileiro. Antes da popularização da arqueologia bíblica pela televisão e pela internet, intensificada a partir de 2007 com o programa "Evidências", apresentado por Rodrigo Silva, na TV Novo Tempo, eram conferências como essas – proferidas em seminários, encontros de universitários e congressos de educação e de criacionismo – que difundiam o tema (Hosokawa, 2018b, p. 323; Lima, 2023).

Produção escrita

A produção escrita de Aguilar concentra-se, sobretudo, em periódicos do Unasp, embora não exclusivamente. Na revista *Kerygma*, entre 2005 e 2011, publicou textos que retomam diretamente sua pesquisa doutoral, como "A aliança e a economia patriarcal" (2005), e seus temas mesopotâmicos, como "O Gênesis em documentos mesopotâmicos" (2006), ao lado de reflexões sobre antropologia, história e profecia, como "As teorias da interpretação da história e a profecia" (2005) e "O que é real nas primeiras evidências acerca do homem primitivo?". Na revista *Parousia*, publicou o artigo "Os céus, o intervalo e a semana da criação" (2010). Publicou ainda o livro *Miscelânea: Questões teológicas, propostas e soluções* (2003) e diversos artigos na *Revista Adventista* (Aguilar, 2017).

No campo específico da arqueologia bíblica, escreveu o capítulo "O desenvolvimento do estudo da arqueologia bíblica", que abre a coletânea *Museu de arqueologia bíblica: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork* (2010), organizada por Alberto R. Timm e Renato Stencel, onde define a arqueologia bíblica como "o estudo dos vestígios de povos e civilizações antigas, cujos eventos históricos guardam relação com o registro bíblico" (Aguilar, 2010, p. 5). Neste texto revela, contudo, uma concepção da disciplina mais próxima do paradigma confirmatório do que a tese de doutorado. Após arrolar documentos como as cartas de Tell el-Amarna, o prisma de Taylor, o Código de Hamurabi e a Pedra Moabita, Aguilar (2010, p. 10) conclui que, com esse conjunto, "a confirmação da veracidade Bíblica se faz mais patente e ao mesmo tempo se fortalece a fé nas Escrituras Sagradas". Essas formulações aproximam-se mais das de Albright e de Glueck do que da posição de Schwantes (Darius; Hosokawa, 2017, p. 22-23).

A autoridade de Aguilar no campo foi reconhecida também pela inclusão entre os autores de verbetes da *Bíblia de Estudo Arqueológica*, produzida pela editora Safeliz. O projeto começou em 2016 sob coordenação de Mario Paulo Martinelli e contou com a participação de diversos docentes do Unasp (Hosokawa, 2018b, p. 325-326). A obra foi publicada em espanhol e em inglês em 2022 e em português, em 2024, em parceria com a Casa Publicadora Brasileira (Martinelli, 2022a; 2022b; 2024).

O perfil da produção segundo o Currículo Lattes

A classificação temática dos 39 itens de produção técnica registrados no currículo, que compreendem conferências e cursos de curta duração proferidos entre 1984 e 2006, mostra que a arqueologia e o antigo Oriente Próximo constituem o eixo principal da atuação pública de Aguilar, com quase metade do total.

Tabela 1 – Produção técnica de Ruben Aguilar por área temática (1984–2006)

Área temática	**Itens**	**%**	**Exemplos**
Arqueologia e antigo Oriente Próximo	19	49	Ebla (1985, 1992); Nínive, Nippur e o dilúvio mesopotâmico (1995); destruição de Jerusalém (2001)
Teologia, Bíblia e história da doutrina	9	23	Septuaginta (1986); Logos (1988); justificação pela fé (1989); profetas do Antigo Testamento (2006)
Ciência, origens e criacionismo	7	18	"Casualidade ou causalidade" (1991); dinossauros e dilúvio (2001); cursos de ciência e religião (2003) e antropologia (2004)
Educação e prática cristã	4	10	"Integração fé e ensino" (1996); curso "Fé e ensino" (2003)
Total	39	100	

Fonte: elaborada pelo autor com base em Aguilar (2017).

A distribuição cronológica é igualmente reveladora. Os itens de arqueologia concentram-se entre 1984 e 1998: 17 dos 19 foram registrados nesse intervalo, com picos em 1992 e em 1995, anos que correspondem à instalação do curso de Teologia em Engenheiro Coelho e ao período imediatamente anterior ao ingresso no doutorado, em 1996. A partir dos anos 2000, a produção técnica diversifica-se em direção à teologia, à relação entre ciência e religião e à educação, movimento coerente com a atuação de Aguilar como professor de Teologia em regime de dedicação exclusiva e, entre 2011 e 2013, membro do corpo editorial da revista *Kerygma* (Aguilar, 2017).

A produção bibliográfica segue padrão semelhante. Dos 13 artigos publicados em periódicos entre 2005 e 2011, dois tratam diretamente da Antiguidade oriental ("A aliança e a economia patriarcal" e "O Gênesis em documentos mesopotâmicos"); cinco abordam origens e ciências da vida ("O homem, espécie animal?", "DNA, esperança e o fim do mundo", "O gene da espiritualidade", "Os céus, o intervalo e a semana da criação" e "O que é real nas primeiras evidências acerca do homem primitivo?"); e seis tratam de teologia, história e profecia. A produção escrita reflete, portanto, a síntese entre as quatro formações do autor: Teologia, Biologia, Química e Arqueologia.

Os 21 eventos registrados no currículo permitem identificar um segundo eixo de atuação, complementar à arqueologia: a participação no movimento criacionista adventista brasileiro. Depois do bloco inicial de seis eventos de natureza laboratorial (1966–1973), o currículo registra dez participações sobre origens e ciência entre 1988 e 2000, entre elas os três primeiros Congressos de Criacionismo, com as comunicações "Criacionismo" (1988), "Origens do homem e a pré-história" (1993) e "Documentos arqueológicos sobre o criacionismo" (1996); encontros de universitários em Mato Grosso (UFMT, 1990) e no Rio Grande do Sul; um seminário sobre antropogênese numa faculdade de filosofia e ciências humanas (1998); e um encontro científico sobre as "bases científicas da cronologia da história antiga" (2000). Os outros cinco eventos tratam de educação e ministério, como o 1º Congresso Adventista de Educação (1993) e encontros de professores no Rio de Janeiro, em 1988 e 1994.

Nesse eixo, a arqueologia aparece como instrumento de diálogo entre ciência e fé: os títulos associam documentos arqueológicos, pré-história e cronologia da história antiga ao debate sobre as origens. Esse uso da disciplina distingue-se do da tese de doutorado, mais voltada à história social. A coexistência das duas abordagens mostra que Aguilar transitou entre dois públicos, o acadêmico, da universidade pública, e o confessional, dos congressos e encontros da denominação, adaptando a arqueologia a finalidades distintas em cada um.

Completando o perfil do docente, podem ser mencionada as 25 orientações concluídas registradas no currículo, 23 trabalhos de conclusão de curso em Teologia (2004–2008), uma monografia de especialização em Estudos Teológicos (2010) e uma dissertação de mestrado em Ciências da Educação na Universidad Americana, no Paraguai (2008). Nenhum dos trabalhos orientados tem a arqueologia como objeto exclusivo, mas

vários mobilizam o contexto histórico e cultural do mundo bíblico: as genealogias, o calendário cultual, a legislação levítica. A orientação de Aguilar parece ter funcionado, assim, menos como formação de arqueólogos do que como formação de pastores e professores sensíveis ao pano de fundo histórico do texto bíblico, em consonância com a função que Schwantes atribuía à disciplina no ensino teológico.

Tabela 2 – Trabalhos de conclusão de curso orientados por Ruben Aguilar (2004-2008)

Área	**Número**	**Exemplos de temas**
Exegese e teologia bíblica	11	Genealogia de Mateus; sábado como sinal entre Yahweh e Israel; Êxodo 34:7; Apocalipse 10:11; Yom Kippur em Zacarias 3:9
Ciência, origens e criacionismo	4	Relações microbiológicas em Levítico; teorias da criação; ensino criacionista; radio-halos de polônio
Ética e filosofia	4	Ética sexual no matrimônio; dimensões morais da contracepção; conceito de liberdade
Vida religiosa e história adventista	4	Pedro Apolinário como professor de Teologia; hábitos devocionais dos alunos; secularização da juventude adventista; culto familiar
Total	23	

Fonte: elaborada pelo autor com base em Aguilar (2017).

O MUSEU DE ARQUEOLOGIA BÍBLICA DO UNASP

Xavier (2018, p. 139-140) situa o Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) na tradição dos museus universitários, cujas raízes remontam às coleções de história natural e de medicina formadas para fins de ensino na Itália e na Holanda do século 17, e cujo primeiro exemplar aberto ao público teria sido o Ashmolean Museum, de Oxford. Para a autora, esses museus são "uma janela através da qual a universidade se abre à comunidade" (Xavier, 2018, p. 140).

O MAB foi concebido para colecionar, investigar e expor achados arqueológicos relacionados ao mundo da Bíblia, e é apresentado como "o primeiro museu brasileiro destinado especificamente à arqueologia bíblica e o único desse segmento na América do Sul" (Xavier, 2018, p. 143-144). Sua relevância decorre também da escassez de acervos sobre o antigo Oriente Médio no país, limitados a poucas peças do Museu Nacional, da Biblioteca Nacional e do MAE-USP (Xavier, 2018, p. 143-144).

Timm (2010, p. 61) define o museu como "o primeiro núcleo adventista brasileiro destinado a colecionar e expor achados arqueológicos relacionados com o mundo da Bíblia", e o considera "importante símbolo do compromisso da Igreja Adventista no Brasil

com a autoridade normativa das Escrituras". A história do MAB deve seu desenvolvimento a três doutores: Paulo Bork, que forneceu o acervo inicial; Ruben Aguilar, que organizou e estabeleceu o museu; e Rodrigo Silva, que o divulgou e expandiu (Lima, 2023). A segunda fase, menos conhecida, é o objeto desta seção.

Do acervo guardado ao museu projetado (1993–2000)

A coleção de Paulo Bork tinha origem em dois tabletes babilônicos adquiridos em 1924 pelo Pacific Union College, posteriormente confiados ao arqueólogo, que ampliou o acervo por meio de doações e aquisições. Em 1993, o pastor Walter Boger, diretor geral do IAE, campus 2, encontrou-se com Bork nos Estados Unidos e acertou a doação; em 1994, cerca de 200 livros e aproximadamente 110 peças chegaram a Engenheiro Coelho. Os livros foram incorporados à Biblioteca Universitária, e as peças, guardadas na caixa-forte do Centro de Pesquisas Ellen G. White (Timm, 2010, p. 61-62).

Nessa mesma época, Boger encarregou Aguilar, "professor de Arqueologia Bíblica do IAE-C2 e exímio desenhista", de elaborar o projeto de um museu (Timm, 2010, p. 62). No início de 1996, uma sala do Centro de Comunicação Dr. Milton Afonso foi designada para o museu. Aguilar começou a desenhar os móveis de acordo com as medidas do espaço e com base em ideias colhidas em visitas a museus de Israel, do Egito e de outros países. Quando os desenhos estavam quase prontos, foi informado de que a sala seria substituída por outra, de menores dimensões, sendo necessário preparar novos desenhos para o mobiliário que receberia as peças a serem expostas. Os desenhos ficaram prontos em julho de 1997 e foram aprovados pela direção do campus (Timm, 2010, p. 62).

O mobiliário foi executado pela marcenaria do IAE, chefiada por Deusdedith Dantas Muniz. Dificuldades financeiras para aquisição de veludo, iluminação, vidros, suportes e placas de identificação, além da contratação de uma secretária para atender os visitantes, adiaram a conclusão do projeto. O testemunho do próprio Aguilar ao ver os móveis prontos foi registrado por Timm: "Pela beleza dos seus contornos e o atrativo das suas formas, senti alegria incontida" (Timm, 2010, p. 62; cf. Xavier; Pessoa, 2021).

Nesse intervalo, o acervo foi ampliado com moedas, dois vasos e uma lâmpada doados por Siegfried J. Schwantes e Milton S. Afonso e, em julho de 1998, com 46 peças de cerâmica e quatro de metal doadas pelo Museu Rockefeller de Jerusalém a Rodrigo P. da Silva (Timm, 2010, p. 63; Tavares; Carvalho, 2017, p. 38). No final de 1999, a

administração do campus colocou o futuro museu sob a coordenação do Centro de Pesquisas Ellen G. White, que já mantinha o museu do Centro Nacional da Memória Adventista (CNMA). Alberto R. Timm, diretor do CNMA, foi nomeado diretor e curador, e Ruben S. Aguilar, Rodrigo P. da Silva e Reinaldo W. Siqueira foram designados curadores adjuntos (Timm, 2010, p. 63; Tavares; Carvalho, 2017, p. 38).

O Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork foi oficialmente inaugurado em 14 de maio de 2000, durante as comemorações do 17º aniversário do campus Engenheiro Coelho do Unasp, com a presença de Paulo e Norma Bork. Na cerimônia, coube a Aguilar orientar o percurso dos convidados e, com Rodrigo Pereira da Silva, coordenar a primeira visita à exposição (Timm, 2010, p. 63-64). A exposição ocupava cerca de 45 m^2 nas dependências da biblioteca do campus (Hosokawa, 2018b, p. 322; Xavier; Pessoa, 2021).

Figura 3 – Ruben Aguilar Santos em 2026



Fonte: Arquivo Pessoal.

Inicialmente, o acervo foi disposto segundo cinco regiões geográficas do mundo antigo (Mesopotâmia, Síria, Israel, Egito e Roma). Em abril de 2002, foi reorganizado em sequência cronológica (Timm, 2010, p. 64). O arranjo geográfico corresponde ao período

de implantação, quando Aguilar integrava a curadoria, e coincide com a definição geográfico-cultural de arqueologia bíblica que ele formularia por escrito em 2010. O arranjo cronológico posterior, em sete grupos que vão do Bronze I ao período pós-apostólico e bizantino, expressa uma concepção distinta, orientada pela sequência da história bíblica (Xavier, 2018, p. 144).

A partir de 2000, sob a liderança de Rodrigo P. da Silva, o museu ganhou visibilidade nacional, impulsionada por entrevistas à grande imprensa (Timm, 2010, p. 64). Em 2012, recebeu doações que incluíam cerca de 1.500 moedas e 178 livros raros, entre elas a coleção de Arlete e Milton S. Afonso. No mesmo ano foi lançada a pedra fundamental de sua sede. Em 2016, foi renomeado como Museu de Arqueologia Bíblica do Unasp. Congressos internacionais de arqueologia bíblica foram realizados na instituição em 2017 e 2018 (Hosokawa, 2018b, p. 324; Xavier; Pessoa, 2021). A sede própria foi inaugurada em novembro de 2023 (Lima, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou reconstituir a trajetória de Ruben Aguilar Santos e avaliar sua contribuição para a arqueologia bíblica no contexto adventista brasileiro. Verificou-se que o biografado construiu uma formação singular que sustentou quase quatro décadas de docência, pesquisa e divulgação. Aguilar pode ser compreendido como elo entre a geração pioneira de Schwantes e Bork, formada na escola de Albright e Horn, e a geração que, a partir dos anos 2000, levou a arqueologia bíblica adventista brasileira à mídia, aos congressos internacionais e à pós-graduação.

Essa mediação, contudo, não foi linear, pois conviveram em sua obra a função confirmatória herdada da tradição e a abordagem analítica aprendida na universidade pública. Aguilar reuniu duas vias de legitimação disponíveis à arqueologia bíblica adventista no Brasil: a via confessional internacional, representada pela Andrews University e pela orientação de Geraty, e a via acadêmica nacional, representada pelo MAE-USP. Seu doutorado, concluído em 2001, antecede em mais de uma década a série de titulações que marcaria a arqueologia adventista brasileira nos anos 2010 (Hosokawa, 2018b, p. 324-326). Em termos geracionais, ele abre o caminho da titulação em programa público brasileiro, depois trilhado por outros docentes do Unasp.

Sua tese mostra um movimento de abertura teórica. Ao tratar o período patriarcal com categorias da antropologia econômica, desloca, em parte, a questão da prova da historicidade para a compreensão das instituições sociais, posição próxima da advertência de Schwantes e da concepção de uma arqueologia que deixa de ser "serva" para tornar-se "aliada" na iluminação do texto bíblico (Oliveira, 2018, p. 128). Seu texto de 2010, porém, reafirma a função confirmatória da arqueologia e a primazia da Bíblia como guia de interpretação das ruínas (Aguilar, 2010, p. 10-12). A coexistência dessas duas concepções expressa a dupla inscrição institucional do autor, que escrevia ora para a universidade pública, ora para o público confessional, além das tensões próprias de sua geração, situada entre o legado albrightiano e a crise desse paradigma (Darius; Hosokawa, 2017, p. 26-27).

O projeto desenhado por Aguilar entre 1996 e 1997 converteu um acervo guardado em cofre num espaço de visitação que, mais tarde, se consolidaria no atual MAB/Unasp. Essa fase de implantação, com forte contribuição de Aguilar, foi crucial. A contribuição de Ruben Aguilar Santos para a arqueologia bíblica no Brasil tem dimensões físicas – com a construção dos móveis e disposição das peças na tímida versão inicial do MAB – e, sobretudo, intelectuais, com a formação de estudantes e a introdução, em língua portuguesa, de conceitos e discussões que só circulavam em publicações estrangeiras, como os arquivos de Ebla, e o estudo dos paralelos mesopotâmicos do Gênesis.

Cabe reconhecer as limitações deste estudo. Grande parte da produção de Aguilar tem forma oral (conferências e aulas) e só é conhecida pelos títulos registrados em seu currículo, cuja última atualização data de 2017. As entrevistas foram utilizadas, sobretudo, para os dados de origem e família, não documentados em outras fontes. Pesquisas futuras poderão examinar o texto integral dos trabalhos acadêmicos, os arquivos disponíveis no Centro Nacional da Memória Adventista e atas administrativas do campus, além de depoimentos de ex-alunos e colegas do pesquisador.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Ruben S. [Entrevista concedida a Elder Hosokawa]. Engenheiro Coelho, SP, 3 e 16 de out. 2026a.

AGUILAR, Ruben S. **A noção de valor no período patriarcal**. 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: https://caph.fflch.usp.br/node/2429. Acesso em: 29 set. 2026.

AGUILAR, Ruben S. **Currículo Lattes**. Brasília, DF: CNPq, 7 ago. 2017. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/6668144224141054. Acesso em: 29 set. 2026.

AGUILAR, Ruben S. **Miscelânia**. Niterói, RJ: ADOS, 2003.

AGUILAR, Ruben S. O desenvolvimento do estudo da arqueologia bíblica. *In*: TIMM, Alberto R.; STENCEL, Renato (org.). **Museu de Arqueologia Bíblica**: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010. p. 5-12.

AGUILAR, Ruben S. O plano de Deus. *In*: ARAÚJO, Jael Eneas de; BENEDICTO, Marcos de; LIMA, Dirceu de (org.). **Minha Vida de Pastor**: 55 pastores jubilados compartilham histórias inspiradoras de seu ministério. Artur Nogueira, SP: Editora dos Autores, 2026b. p. 508-517.

AGUILAR, Ruben S. O que é real nas primeiras evidências acerca do homem primitivo? **Kerygma**, Engenheiro Coelho, v. 7, n. 2, p. 55-67, 2011. Disponível em: https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/144. Acesso em: 4 out. 2026.

AGUILAR, Ruben S. **Tel Mardiq**: Ebla and its relationship with the patriarchal period. 1983. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 1983.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBRIGHT, W. F. **Archaeology and the religion of Israel**. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1956.

BORK, Paulo Franz (1924–2015). **Encyclopedia of Seventh-day Adventists**. Silver Spring: General Conference of Seventh-day Adventists, 29 jan. 2020. Disponível em: https://encyclopedia.adventist.org/article?id=5GG7&lang=pt. Acesso em: 4 out. 2026.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 183-191.

DARIUS, Fábio Augusto; HOSOKAWA, Elder. Breve história da arqueologia bíblica: contribuição e crítica estadunidense. **Revista Caminhando**, São Bernardo do Campo, v. 22, n. 2, p. 19-29, jul./dez. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/78121962/Breve_Hist%C3%B3ria_da_Arqueologia_B%C3%ADblica_Contribui%C3%A7%C3%A3o_e_Cr%C3%ADtica_Estadunidense. Acesso em: 4 out. 2026.

FUNARI, P. P. A. Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. **Ciência e Cultura**, v. 65, p. 23-25, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/20249093/Arqueologia_no_Brasil_e_no_mundo_origens_problemáticas_e_tendências. Acesso em: 29 set. 2026.

GERATY, Lawrence T. Horn, Siegfried Herbert (1908–1993). **Encyclopedia of Seventh-day Adventists**. Silver Spring: General Conference of Seventh-day Adventists, [2020]. Disponível em: https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8CAW. Acesso em: 4 out. 2026.

HOSOKAWA, Elder. Arqueologia bíblica e adventismo nos EUA e no Brasil: cronologia. *In*: TORRES, Milton L.; DARIUS, Fábio A.; HOSOKAWA, Elder (org.). **Arqueologia**: história, textos e escrita: *Festschrift* para Siegfried Júlio Schwantes. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018b. p. 319-333.

HOSOKAWA, Elder. Siegfried Júlio Schwantes: vida e centenário do nascimento de um intelectual adventista. *In*: TORRES, Milton L.; DARIUS, Fábio A.; HOSOKAWA, Elder (org.). **Arqueologia**: história, textos e escrita: *Festschrift* para Siegfried Júlio Schwantes. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018a. p. 23-33.

KITCHEN, Kenneth A. **On the reliability of the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 167-182.

LIMA, Wendel. A história do Museu de Arqueologia Bíblica. **Revista Adventista**, Tatuí, 13 nov. 2023. Disponível em: https://revistaadventista.com.br/a-redacao/artigos/a-historia-do-museu-de-arqueologia-biblica/. Acesso em: 29 set. 2026.

MARTINELLI, Mário Paulo (org.). **Biblia de Estudio Arqueológica**. Madrid: Safeliz, 2022a.

MARTINELLI, Mário Paulo (org). **Bíblia de Estudo Arqueológica.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2024.

MARTINELLI, Mário Paulo (org). **Study Bible**: Archaeology and Cultural Backgrounds. Madrid: Safeliz, 2022b.

MATTHIAE, Paolo. **Ebla**: an empire rediscovered. Garden City: Doubleday, 1981.

OLIVEIRA, Raphael Santos. Arqueologia bíblica. *In*: TORRES, Milton L.; DARIUS, Fábio A.; HOSOKAWA, Elder (org.). **Arqueologia**: história, textos e escrita: *Festschrift* para Siegfried Júlio Schwantes. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018. p. 125-130.

PASTOR Ruben Aguilar | Série: Pioneiros de Luz (Memória Adventista) [Entrevistado por Júlia Galvani]. 8 mar. 2021. 1 vídeo (61 min 56 s). Publicado pelo canal Centro Nacional da Memória Adventista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IhADEsKaR1M. Acesso em: 19 out. 2026.

PAULO Franz Bork (1924-): resumo biográfico. *In*: TIMM, Alberto R.; STENCEL, Renato (org.). **Museu de Arqueologia Bíblica**: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010. p. 139-140.

PETTINATO, Giovanni. **The archives of Ebla**: an empire inscribed in clay. Garden City: Doubleday, 1981.

RODRIGUES, Gabriella. A política por trás de um nome: considerações sobre terminologia, de arqueologia bíblica até arqueologia do Oriente Próximo. **Heródoto**: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas, [S. l.],

v. 2, n. 2, p. 484–502, 2017. DOI: 10.31669/herodoto.v2i2.294. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/herodoto/article/view/1111. Acesso em: 19 out. 2026.

RUNNING, Leona Glidden; FREEDMAN, David Noel. **William Foxwell Albright**: a twentieth-century genius. New York: Two Continents, 1976.

SCHWANTES, Siegfried Júlio. **Arqueologia**. São Paulo, SP: Instituto Adventista de Ensino, 1983.

SCHWANTES, Siegfried Júlio. **Professor toda a vida:** uma autobiografia de Siegfried J. Schwantes. São Paulo, SP: Centro Nacional da Memória Adventista e Instituto Adventista de Ensino, 1991.

TAVARES, Valéria Marques dos Santos; CARVALHO, Claudia Rodrigues Ferreira de. Arqueologia do antigo Oriente Próximo no Brasil: o Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo e sua coleção. **Revista Caminhando**, São Bernardo do Campo, v. 22, n. 2, p. 31-46, jul./dez. 2017.

THOMPSON, Thomas L. **The historicity of the patriarchal narratives**: the quest for the historical Abraham. Berlin: De Gruyter, 1974.

TIMM, Alberto R. Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork: breve histórico. *In*: TIMM, Alberto R.; STENCEL, Renato (org.). **Museu de Arqueologia Bíblica**: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010. p. 61-65.

TIMM, Alberto R.; STENCEL, Renato (org.). **Museu de Arqueologia Bíblica**: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010.

TORRES, Milton L.; DARIUS, Fábio A.; HOSOKAWA, Elder (org.). **Arqueologia**: história, textos e escrita: *Festschrift* para Siegfried Júlio Schwantes. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018.

VAN SETERS, John. **Abraham in history and tradition**. New Haven: Yale University Press, 1975.

WILLIS, Lloyd A. Os adventistas do sétimo dia e a arqueologia. *In*: TIMM, Alberto R.; STENCEL, Renato (org.). **Museu de Arqueologia Bíblica**: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010. p. 21-28.

XAVIER, Janaína Silva; PESSOA, Yanka de Araújo. Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP-EC. **Encyclopedia of Seventh-day Adventists**. Silver Spring: General Conference of Seventh-day Adventists, 9 dez. 2021. Disponível em: https://encyclopedia.adventist.org/article?id=GIH1&lang=pt. Acesso em: 29 set. 2026.

XAVIER, Janaína Silva. Arqueologia e memória: o caso do Museu de Arqueologia Bíblica do Unasp-EC. *In*: TORRES, Milton L.; DARIUS, Fábio A.; HOSOKAWA, Elder (org.). **Arqueologia**: história, textos e escrita: *Festschrift* para Siegfried Júlio Schwantes. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2018. p. 139-146.